

# **A MEMÓRIA POLÍTICA:**

## **versões de gênero \***

**Maria Noemi Castilhos Brito\*\***

### **Introdução**

O trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa sobre "Gênero e Memória Política: a presença feminina no trabalhismo gaúcho", que se preocupa em investigar a vivência de um passado de participação política de mulheres envolvidas com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), no período de 1945 a 1964, no Rio Grande do Sul.

O levantamento dos dados feito através da história oral, com entrevistas com militantes partidários e do exame de fontes documentais, através de arquivos e jornais, mostrou a participação feminina desde o início da formação do partido na região estudada, não sendo, entretanto, conhecida.

Os depoimentos dos mais velhos militantes entrevistados, um homem e uma mulher, ao relatarem suas experiências partidárias, destacaram como um fato marcante a fundação do PTB no Rio Grande do Sul em 1945. Porém, seus relatos e os documentos apresentados indicam versões diferentes para o mesmo episódio, sendo a versão masculina a que se tornou reconhecida publicamente.

No presente texto procura-se compreender esta construção da memória diferenciada pela vivência de cada um a

---

\* Trabalho apresentado na XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Belo Horizonte, de 12 a 15 de abril de 1992, no Grupo de Trabalho Experiências e memórias: os usos do conceito gênero.

\*\* Departamento de Antropologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A memória política

partir de suas posições de classe e de gênero, construídas historicamente.

### **A Fundação do PTB**

1945: ano da reabertura política no Brasil após a ditadura do Estado Novo. Getúlio Vargas, presidente desde 1930, sofre pressões internas e externas que o obrigam a abrir o regime através da convocação de eleições para a presidência e para uma assembléia constituinte. Organiza-se a reestruturação dos partidos políticos. Intensificam-se as discussões políticas centralizadas na figura do presidente que procura manter seu poder conduzindo este novo processo.

O estado do Rio Grande do Sul destaca-se neste quadro nacional, pois, além de ser a terra natal de Vargas, tem uma forte tradição político-partidária e, neste momento, é um dos principais focos do movimento popular que defende a condução de Vargas no encaminhamento do retorno à democracia. As forças políticas locais buscam organizar-se partidariamente, obedecendo às tendências dicotômicas predominantes na época: pró ou anti-getulismo.

A visão que a História oferece deste período é fornecida por documentos escritos e por depoimentos de lideranças envolvidas diretamente com estes processos. Entretanto, esta conjuntura também foi vivenciada por outras pessoas, afastadas das elites políticas mas que tiveram uma participação neste momento, seja como parte da massa das mobilizações ou como acompanhantes dos debates políticos nos meios de comunicação e nos encontros nas ruas ou nos cafés, constituindo-se em uma presença integrada na reconstrução democrática do país.

A memória histórica registrou a sua presença, estas pessoas são vistas em fotos, referidas nas notícias, mas não

foram ouvidas, não é conhecida a lembrança de suas experiências destes momentos significativos da história nacional. A perspectiva aberta pelo desenvolvimento da história oral, interessada nestas presenças anônimas, permite a incorporação de suas vivências para ampliar o conhecimento do passado.

A proposta desta pesquisa sobre a participação feminina no antigo PTB gaúcho preocupa-se em multiplicar as "palavras da memória"<sup>1</sup> ouvindo os testemunhos de homens e mulheres participantes da política partidária, buscando, assim levantar o que recordam desta efervescência, como colocam as suas experiências, qual a visão que tem do papel que exerceram.

É sabido que a memória oral pode com frequência dar indicações cronológicas deficientes ou mesmo a sensação de um imobilismo ahistórico. Mas é freqüente o tempo histórico aparecer fortemente marcado por um acontecimento significativo, geralmente um acontecimento fundador<sup>2</sup> (Joutard, 1988:156). Os depoimentos dos mais velhos militantes trabalhistas entrevistados, um homem e uma mulher, ao relatarem a sua experiência partidária, destacaram como um fato marcante a fundação do PTB no RGS em 1945.

A seleção destas duas entrevistas - duas falas sobre um mesmo acontecimento que permite montar um corpo discursivo a ser analisado, não é aleatória, pois, atende aos seguintes critérios:

? os entrevistados são os mais antigos militantes do PTB no RGS localizados pelo levantamento feito na pesquisa;

? ambos iniciaram o seu depoimento contando a sua história da fundação do partido no Estado;

---

<sup>1</sup> ZONABEND, F.: "La mémoire familiale: de l'individuel au collectif", IN AVAS et alli: *Croire la mémoire?*. 1988, p.77.

<sup>2</sup> JOUTARD, P. e BOUVIER, J. C: "Conclusions", IN, AVAS et alli: op.cit.. 1988, p.156.

A memória política

? os relatos e os documentos apresentados tem pontos iniciais diferentes, partindo do envolvimento de cada um;

? trata-se de um homem e de uma mulher, o que atende ao enfoque proposto na pesquisa de examinar as relações de gênero no âmbito político.

Estes fatores, bem como o interesse por outras possíveis leituras do passado, nos levam a confrontar estas duas versões, buscando entender como um homem e uma mulher da mesma época construíram a sua imagem de militância partidária e como definiram as suas práticas políticas a partir das condições concretas em que estavam inseridos.

### **A História Oficial: A Versão Masculina**

Na escassa bibliografia<sup>3</sup> sobre o PTB no RGS, a fundação do partido é referida a partir de informações de jornais, de documentos ou depoimentos cuja origem é o primeiro presidente petebista do Estado, José Vecchio - na época, presidente do Sindicato da Carris Portoalegrense (empresa municipal dos transportes urbanos), líder da categoria dos tranviários, grevista, preso 3 vezes durante o Estado Novo, embora getulista. Foi deputado estadual pelo PTB na legislatura de 1959 a 1962.

Considerado publicamente como o fundador do PTB no RGS, conhecido por sua militância sindical e partidária, é também o possuidor do único acervo documental de atas, cartas e recortes referentes ao partido, constituindo-se assim em uma fonte preferencial para qualquer pesquisa sobre a organização

---

<sup>3</sup> BANDEIRA, M.: *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979; BODEA, M.: *Trabalhismo e populismo: o caso do Rio Grande do Sul*. São Paulo, USP, 1984 (mimeo); COSTA: *Reorganização partidária e prática democrática no RGS de 1945 a 1950*. Porto Alegre, UFRGS, 1983 (mimeo); VILLARINHO, V.: *O Partido Trabalhista Brasileiro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UFRGS, 1980(mimeo).

trabalhista no Estado. Por isso foi uma das primeiras pessoas que procuramos em busca de informações sobre a participação feminina no antigo PTB, indagando especialmente sobre o nome de uma mulher, Adélia Eliza Machado, citado nas primeiras atas do Diretório Municipal do partido.

Em entrevista realizada em sua casa, em um bairro de Porto Alegre, Vecchio nos diz que, para falar sobre este assunto, é preciso fazer uma síntese da fundação do partido senão o trabalho fica sem sentido pois a mulher trabalhou em que? onde? quem são elas? o que fizeram? e dispôs-se a colaborar fazendo uma *"dissertação para facilitar a pesquisa sobre a organização trabalhista e a participação ativa da mulher riograndense"*.

Inicia o relato dizendo:

*"Tenho aqui na minha frente a Ata número 1 do Diretório do Partido Trabalhista Brasileiro que foi fundado no dia 14 de setembro de 1945, cuja Ata dá a descrição dos principais organizadores do partido e as categorias por eles exercidas durante aquela época. Como político não fomos bons políticos mas como sindicalistas e lutadores nós fomos e usamos a decência."*

A seguir lê a Ata de 2 de outubro de 1945 onde constam os nomes dos membros do Diretório Municipal, entre os quais o de Adélia e também a composição da Comissão Executiva e do Conselho Fiscal, destacando a categoria profissional de cada um dos ocupantes dos principais cargos, inclusive *"a primeira mulher a ingressar no trabalhismo: Adélia Eliza Machado, ela era caixa da Casa do Café"*.

Após estas leituras, que Vecchio apresenta como a fase inicial do partido, começa a falar no desenvolvimento depois da

fundação quando o trabalho teria exigido muito sacrifício do seu grupo porque:

*"Nós não éramos propriamente políticos, éramos classistas, sindicalistas, mas com o negócio da derrubada do Getúlio em 45 nós fomos junto com ele e se formou o Partido Social Democrático. E nós fomos para lá, mas não participamos da direção do partido, então organizamos a Ala Trabalhista do Partido Social Democrático. E aquela ala ficou representando o sindicalismo dentro de um partido que era o partido fundado por Getúlio."*

Tomando conhecimento pelo jornal local da fundação do PTB no Rio de Janeiro, Vecchio contou como se deu o ingresso dos sindicalistas neste partido a partir de iniciativas suas e de contatos seus com políticos do centro do país e até mesmo com familiares do presidente da República que informaram do apoio de Getúlio Vargas ao PTB para evitar que os trabalhadores ingressassem na extrema esquerda que era o Partido Comunista. Neste relato indicou a data de 14 de setembro de 1945 quando se reuniram no sindicato dos marítimos, e, sob sua orientação, iniciaram a organização do PTB no Rio Grande do Sul.

Vecchio colocou a seguir a luta pela estruturação do partido no Estado, tendo organizado primeiro a capital e depois ido para o interior:

*"E aí começamos a luta! Isso foi a pior coisa que eu vi na minha vida. Eu viajei cidades a pé para poder organizar o trabalhismo porque o pessoal era meio exigente e tinham medo que a gente se modificasse e fosse desviar a doutrina para o comunismo, mas não havia razão para isso".*

Prosseguindo, Vecchio informou que enquanto organizava o partido, Adélia Eliza Machado organizava a ala feminina. Para ele, seu trabalho, em comparação com o dela, teria mais facilidades porque na época mulher não acreditava em política. Mas, consultado sobre a participação das mulheres nos partidos, diz que havia uma participação ativa, mesmo em outros, mas somente se organizaram depois do PTB. Quanto ao surgimento da Ala Feminina, respondeu que:

*"Nós, com o assunto do sindicalismo, resolvemos fazer o partido por categorias profissionais. Então cada um organizava uma ala. Vem depois a Ala Feminina e essa já não era por categoria, era por sexo. A primeira Ala organizada no partido foi a das mulheres, fui eu quem deu o parecer e indiquei a Adélia para a chapa. Ela foi a primeira mulher a ingressar no trabalhismo, ela sempre foi protegida por mim no partido, sempre fui um homem de muito respeito."*

Sobre o trabalho realizado pelas alas, Vecchio explica que *"iam nas vilas, casa por casa e preenchiam fichas para o partido, trabalhavam muito, especialmente a Ala Feminina"*. Mais tarde, *"naturalmente"* segundo Vecchio, surgiram hostilidades:

*"Eram brigas de mulher, eu não ia me meter no meio, era presidente do partido, mas ficava sempre aqui, distante mas protegendo. Depois da Adélia entraram outras que passaram a hostilizar a Adélia porque ela era operária e elas já começaram a fazer uma elite no meio das mulheres, não eram*

*ricas mas se destacavam pelo cargo que ocupavam mais exposto e elas foram fazendo um cerco que até se desgostaram, até que a Adélia exonerou-se."*

Perguntado sobre conflitos em outros setores do partido, admite que existiam em todos e relatou inúmeras disputas que teve dizendo que:

*"sou fundador do partido, mas não sou seu dono, e também não tenho dono, nem o presidente Vargas é capaz de me mandar. Eu sempre fui muito enérgico, eu reajo, briguei tanto na minha vida que mais uma briga, menos outra, não tem problema."*

Em seu relato, Vecchio diz que preparou o ingresso de diversas lideranças importantes, lançando inclusive candidaturas ao governo do Estado. Sobre esta expansão do PTB acrescentou que, por exemplo, Adélia estava em um outro movimento trabalhista que não era o PTB e queria fundar um partido trabalhista apenas no Estado com um grupo grande, mas sem força, e foram absorvidos pelos que avançaram para frente, para o âmbito nacional.

Sobre seu relacionamento com Getúlio Vargas, Vecchio narrou encontros que tiveram, especialmente os que se realizaram na fazenda de propriedade do presidente, dizendo que: *"ia lá passar os dias com ele porque ele me chamava, eu sempre fiz tudo com ele"*.

Vecchio prosseguiu contando diversos episódios sobre sua participação partidária, mostrando inclusive que, enquanto foi presidente do partido não aceitou nenhuma candidatura e só concorreu a deputado em 1958, depois da morte de Getúlio. Falou de sua infância ressaltando suas origens pobres, proletárias, de uma família de imigrantes italianos; contou vários



problemas enfrentados na vida pessoal devido à política e traçou sua trajetória de trabalho desde menino. Encerrou criticando o sindicalismo e os políticos atuais, movidos por interesses pessoais e não sociais como antes.

Em sua entrevista, Vecchio, dispondo-se a dar informações para a pesquisa, se apoiou nos documentos originais, as atas do partido, que guardou zelosamente, e na sua excelente memória. Seu depoimento enfatizou o momento da fundação do PTB gaúcho em 14 de setembro de 1945, sob sua direção, e a narrativa feita coincide com a história do partido, conhecida e aceita, através de registros em cartas e documentos transcritos em jornais e nos anais da Assembléia Legislativa, a partir de informações apresentadas pelo próprio Vecchio.

Na sua fala e mesmo na leitura da documentação, destaca-se a descrição por categorias profissionais dos principais organizadores do partido e a indicação dos cargos ocupados na época. É visível na sua narrativa a valorização de si próprio e dos primeiros companheiros de partido por sua categoria profissional, como "*autênticos trabalhadores*", lideranças do movimento sindical, que passaram a ocupar cargos na estrutura partidária, atuando no campo da política. Mas o trabalho que realizaram não os caracteriza como políticos, pois são definidos como sindicalistas, lutadores decentes, "*francamente getulistas*", que fundaram o PTB na defesa de seus interesses de classe, sem vinculações com o Partido Comunista.

A própria organização inicial do partido, por alas de categorias profissionais, marca a importância da definição dos integrantes do PTB como trabalhadores organizados. Este critério só muda no caso da organização das mulheres, todas agrupadas em função do sexo, independentemente de sua ocupação. Mesmo assim, Adélia é apresentada a partir de sua inserção profissional, comerciária de um estabelecimento no centro de Porto Alegre.

O motivo da vinculação político-partidária é a figura de Getúlio Vargas, colocada como referência básica para todos. A valorização da posição classista, de sindicalistas em oposição a políticos, aparece na própria relação com os partidos. Estão no Partido Social Democrático como representantes do sindicalismo em uma ala a parte, trabalhista, e não fazem parte da diretoria. E só estão neste partido porque tinha sido fundado por Getúlio. A mesma identificação aparece com o Partido Trabalhista Brasileiro, pois é preciso verificar se é mesmo trabalhista, ou seja, ligado a sindicalistas, ou se é vigarice, e o critério fundamental nesta determinação é o aval de Vargas. Somente com a confirmação do novo partido como trabalhista através do apoio de Vargas transmitido pela voz de sua filha Alzira, reconhecida como autorizada, é organizada a saída do PSD e o ingresso no PTB.

A definição de autoridade e seriedade é dada pelas posições ocupadas no movimento sindical ou de proximidade com o poder central representado por Getúlio, como indica o fato de que o grupo ao qual Adélia era ligada, embora grande, não alcançou repercussão, pois não tinha força como aqueles aos quais se incorpora, os sindicalistas liderados por Vecchio que haviam ido mais além por terem seguido as diretrizes nacionais.

O entrevistado apresentou-se não como político mas como dirigente sindical responsável pelas iniciativas que resultaram na organização do PTB no Rio Grande do Sul. Foi ele que, junto com outros dirigentes sindicais, organizou a Ala Trabalhista do PSD, foi ele que mandou seu secretário ao Rio de Janeiro, com referências pessoais e dinheiro seus, e foi quem reuniu os sindicalistas e fez a justificativa de entrada no novo partido. O crescimento do partido, nos primeiros momentos, também foi fruto do seu esforço, tanto na capital como no interior, arregimentando o povo trabalhador e simpatizantes da causa proletária.

Para Vecchio, o trabalho de organizar o partido foi colocado como uma luta, um sacrifício, onde destacou os conflitos dentro da estrutura partidária, por ele enfrentados com energia. Sua atuação partidária, em geral, foi marcada por suas atitudes firmes, até rebeldes, não aceitando imposições, mesmo de lideranças maiores, chegando a rompimentos em vários episódios. Entretanto, responsabilizou-se pelos principais contatos com diversos líderes políticos que resultaram em importantes articulações para a expansão petebista no Estado.

Sua influência atingiria todos os setores do partido, incluindo a organização das mulheres. Autorizou a criação da Ala Feminina (e também a ala estudantil), credenciando Adélia Eliza Machado para esta tarefa que considerava mais difícil do que a sua pelo desinteresse das mulheres por política na época. Seu apoio se caracterizava pela proteção que oferecia como dirigente partidário a Adélia, uma trabalhadora como ele, contra "abusos" dos correligionários, tanto homens como mulheres. As disputas que arbitrou nesta área seriam de cunho pessoal, por cargos, não por divergências político-ideológicas como as outras em que se envolveu.

Embora não se considere político, atuou em áreas institucionais - a entidade sindical, o partido político, a assembléia legislativa, onde se afirma como homem público através de suas atividades como dirigente sindical, como líder trabalhista e como deputado estadual, caracterizando-se pela postura reivindicadora e combativa.

Vecchio procurou se distinguir dos políticos tradicionais que usavam os partidos para obterem benefícios pessoais, mostrando sua rejeição a este comportamento, embora valorize os cargos que ocupou na vida pública. Esta distinção é marcada também pela sua origem pobre, proletária que reforçaria sua imagem de trabalhador honesto e esforçado.

Em síntese, no relato de Vecchio, a centralidade da ação concentrou-se na sua pessoa - um sindicalista, um trabalhador, que fazia política da massa, do povo, não uma política profissional, e que construiu a sua legitimidade pública a partir do desempenho do papel de fundador do partido, elemento constantemente ressaltado como distintivo e relevante.

### **Uma Outra História: A Versão Feminina**

Adélia Eliza Machado foi identificada a partir da citação de seu nome no cargo de terceiro tesoureiro do Diretório Municipal do PTB de Porto Alegre, em Atas referidas na monografia de Villarinho. Procurada, a partir da indicação de José Vecchio, mostrou uma certa relutância inicial para falar de sua participação no PTB, mas, mesmo por telefone, se apresentou como oradora oficial do partido, como uma idealista, uma patriota que participava pelo povo e que sempre foi soldado raso porque nunca quis ser general. Atualmente, tem mais de 70 anos, viúva, mora com uma filha e um neto em um conjunto habitacional em Porto Alegre, aposentada, tendo trabalhado como comerciária e funcionária da Loteria do Estado do Rio Grande do Sul e da Central do Brasil no Rio de Janeiro.

Na entrevista em sua residência, Adélia começou diretamente contando que, em 1945, ela e outros companheiros queriam fundar um partido, embora não soubessem qual, e para isso era preciso angariar 10 mil assinaturas para o registro no tribunal eleitoral. Ela trabalhava na caixa da antiga Casa do Café do Departamento Nacional do Café e tinha um livro consigo para as assinaturas, tendo conseguido 5 mil, e os outros conseguiram o restante andando pela fábricas. Na época, o PSD os convidara para participar da ala trabalhista onde estavam vários presidentes

de sindicatos - como o Vecchio e outros, mas não era esse o partido que os interessava.

Com a publicação da notícia sobre a fundação do PTB no Rio de Janeiro esse foi o partido escolhido pelo grupo porque queriam um partido que defendesse e elevasse a classe trabalhadora, evitando o rumo do comunismo: "*o ateu materialismo*". D. Adélia contou a seguir que se reuniram a noite, em sua casa, em um bairro operário, para fundar o partido e fizeram a ata de fundação do Partido Trabalhista Brasileiro, seção do Rio Grande do Sul, de âmbito nacional, no dia 10 de agosto de 1945, que foi registrado no Tribunal Eleitoral e publicado no Diário Oficial no dia 22 de agosto de 1945, mostrando um recorte deste jornal. Nesta ocasião ficou como primeira tesoureira.

Na mesma noite, foram levar uma nota para o jornal e para a rádio onde ela foi falar com o diretor que a conhecia do seu trabalho e a estimava, pois, ela sempre tratava todos muito bem, era alegre, comunicativa e os dois conversavam com frases poéticas. Graças ao seu bom relacionamento, a irradiação foi feita de graça no melhor horário e as adesões começaram a chegar de todo Estado, por telefone ou telegrama, para a sua casa ou para a de outro companheiro, também fundador. Adélia apresentou este momento como uma coisa maravilhosa, um espetáculo. Ela mostrou uma cópia do comunicado enviado aos jornais com as datas indicadas, com os nomes da diretoria provisória e endereços citados, e que convocava todos os trabalhadores, sem distinção de sexo, classe ou origem, para a realização de uma grande assembléia.

Em seguida foram convidados a participar de uma reunião no sindicato de diversas categorias onde Vecchio era presidente quando foram informados de que havia ido um emissário ao Rio de Janeiro e que a autorização do governo para fundar o partido era deles, dos sindicalistas. Adélia diz que seu

grupo era considerado "*gentalha, qualquer um*" e que ela não queria aceitar porque o partido estava fundado, registrado, e eles eram os verdadeiros fundadores, pois os outros estavam lá na ala do PSD. Mas resolveram entrar em acordo e ficar unidos, passando a sede do PTB para o sindicato, depois para outro local, sempre no centro de Porto Alegre. Neste acordo Adélia e vários de seus companheiros integraram o Diretório Municipal do partido, ocupando também cargos na comissão executiva, quando ela ficou como terceiro tesoureiro. Foi feita a primeira convenção do partido e Adélia mostrou uma foto que foi tirada às três horas da madrugada, onde era a única mulher entre 39 homens.

A seguir foi novamente na Rádio Gaúcha convocando as mulheres do Rio Grande do Sul para fundar a ala feminina trabalhista, tendo atendido a sua palestra mulheres de todas as classes sociais - das fábricas, do comércio, professoras. Este grupo fundou a primeira Ala Feminina do PTB e Adélia recebeu um voto de louvor unânime "*pela maneira digna e inteligente como se houve na ocasião da criação da Ala Central Feminina do Diretório Municipal e que muito concorreu para a boa marcha dos trabalhos*".

Entretanto, ela disse que não quis ficar como presidente da ala, porque nunca gostou, nunca foi vaidosa de querer ser isso ou aquilo. Definiu-se novamente como "*soldado raso*", dizendo que, para trabalhar em benefício do povo, do partido, não precisava ser general. Justificou sua escolha também porque preferia fazer as viagens, os comícios; e não queria ficar como primeiro tesoureiro porque precisava trabalhar e não tinha tempo, mas era a oradora oficial do partido na parte feminina. A seguir recordou a entrada de estudantes que queriam fundar a Ala Estudantil do PTB, mas para isso precisavam da autorização do Diretório Municipal do qual ela participava.

Ressaltou seu trabalho na caixa da Casa do Café como uma tribuna política, onde colocava cédulas, propagandas de todos os candidatos porque era democrática, estava ali para distribuir, o povo é que escolhia o que levar. Como parte de sua pregação contou que naquele tempo tinha um selinho com o retrato de Getúlio que dizia "Trabalhador, alista-te e vota no PTB" com uma goma atrás e ela sempre tinha preparado para colar nas costas das pessoas mesmo de outros partidos, para fazer propaganda. Desta maneira teria conseguido o ingresso de importantes lideranças estaduais no PTB. Comentou que fazia esta brincadeira também com o pessoal de outros partidos, atraindo simpatias e recebendo convites para sair do PTB, mas não aceitava porque considerava o seu partido como um filho que ela criou e ensinou a andar, logo não poderia traí-lo.

Quanto ao seu trabalho interno no PTB, além da fundação da Ala Feminina, sempre lutou por uma bancada majoritária a nível municipal, estadual e federal, trabalhando para o partido como um todo, entregando-se a tarefa "*de corpo e alma*", convocando, em todo o interior do Estado, homens e mulheres, provocando emoções com seus discursos.

Um aspecto que se destaca em seu depoimento diz respeito ao seu relacionamento com as lideranças mais destacadas do partido na época como fruto de seu trabalho. Adélia contou que lançou dentro do PTB candidaturas ao governo do Estado, tendo recebido convites para trabalhar na assistência social e para dar sugestões para o estatuto do partido que estava sendo elaborado. No decorrer da entrevista mostrou várias fotos onde aparecia em ocasiões festivas, ao lado do governador do Estado, do prefeito de Porto Alegre, ou com outros companheiros.

Relatou diversas situações em que encontrou pessoalmente com Getúlio, a quem devotava profunda admiração, mostrando também fotos ao seu lado em algumas

destas ocasiões, lhe entregando flores, recebendo uma assinatura dele quando foi delegada do partido nas eleições, tendo inclusive recebido uma foto sua autografada como presente pelo discurso que fez em uma homenagem prestada no dia do seu aniversário. Esse discurso, bem como vários outros, são guardados por Adélia em caixas com as fotos, os recortes, o diploma de sócio benemérito do partido e até um carimbo com Getúlio desenhado e os dizeres "Ele ainda vive no coração do povo" que ela usava para carimbar "*as camisas, as roupas de todo o mundo, mulheres e homens*".

Os documentos consultados, a coleção de Atas do Diretório Municipal do PTB de Porto Alegre, arquivadas por José Vecchio, mostram a presença de Adélia desde a primeira reunião, em 2 de outubro de 1945, sem fornecer outros dados além da sua indicação como terceira tesoureira, depois como membro da comissão de mensalidades e, em 30 de outubro de 1945, como responsável pela organização da Ala Feminina, pelo que recebeu um voto de louvor em 22 de novembro de 1945.

Aparece novamente uma referência em 26 de fevereiro de 1946 quando entregou um ofício com sua demissão dos cargos que ocupava, inicialmente aceita. Na ata seguinte, de 9 de abril, consta que Vecchio não aceitou seu pedido, apresentando uma proposta para retirada da demissão, o que foi aceito e aprovado. Em 29 de abril, Adélia comunicou que vai retirar o pedido, mas em 18 de julho apresentou novamente sua demissão, agora em caráter irrevogável. Depois de discutido, o pedido foi aceito, e foi votada uma moção de agradecimento à digníssima companheira, bem como a redação de um ofício de apresentação como uma esforçada colaboradora da organização partidária no Rio Grande do Sul a elementos trabalhistas de qualquer parte do país.

Adélia, em seu depoimento, não se referiu espontaneamente a este episódio. Apenas contou que fora



defendida de ameaça de expulsão do partido pelo Vecchio que falou indignado em reunião do diretório municipal. Interrogada a respeito explicou que sofrera pressões por, na época, ser casada só no religioso e separada, tinha uma filha, e era considerada mãe solteira. Com essas alegações os políticos que queriam o seu cargo fizeram uma reunião secreta, sem o conhecimento do Vecchio, para provocar sua demissão. Adélia desesperada, entrou com a renúncia, que não foi aceita pelo presidente que a defendeu com indignação. Aceitou ficar mais um pouco no partido mas saiu depois sem causar constrangimentos.

Sobre seu relacionamento com os companheiros de partido, enfatizou que, apesar de haver muito ciúme e inveja em relação a sua pessoa, era também muito respeitada pois:

*"Eu quando tinha que dizer as coisas eu dizia, eu não mandava dizer. Tanto eles me respeitavam, os políticos, os deputados, as mulheres, porque eu impunha respeito, eles me respeitavam."*

Mas nunca foi candidata porque:

*"eles nunca me colocaram na chapa, e também nunca me passou pela cabeça. Uma vez tentaram me botar como candidata a vereadora, apareceram alguns votos na convenção, mas eles não votavam porque me queriam como cabo eleitoral, para trabalhar para eles".*

Não fez maiores referências ao grupo de mulheres com o qual devia conviver e nem lembrava seus nomes completos, até mesmo de quem teria ficado como presidente da Ala Feminina, dizendo: *"eram tantas..."*, mas recordava perfeitamente os nomes dos homens políticos que conhecia. Respondendo à pergunta

sobre o interesse das mulheres por política na época disse que muitas se interessavam, trabalhavam pelos partidos, mas não tinham apoio para serem candidatas, e as poucas que se candidatavam não se elegiam porque "*não tinham carisma, não conquistavam, não conheciam política, não sabiam falar em política*". No seu caso seria diferente porque:

*"Eu lia muito, mas as outras não se davam o trabalho de fazer isso, então elas não tinham argumentos, não sabiam discutir, nem nada. Eu acompanhava, eu lia o discurso dos políticos, as páginas literárias, os artigos de fundo, para saber o que as pessoas pensam, o que dizem."*

Adélia também destacou a força que tinha para atrair as pessoas, valorizada dentro do partido e até mesmo fora dele, conforme conta. Atribuiu seu sucesso a sua

*"maneira de ser, de conversar, de falar. Quando ia fazer um discurso, fazia de improviso, pela inspiração. Fazia às vezes todo ele rimado, em trova. Parecia que não era eu, que alguém chegava em mim e conquistava todo mundo por onde eu ia."*

Na sua entrevista, Adélia misturou fatos de sua vida pessoal com relatos sobre a vida política local e nacional. Sobre sua infância contou que nasceu no interior e que desde criança se interessava por patriotismo, era escolhida para declamar na Semana da Pátria. Ainda garota, de onze, doze anos, trabalhava como caixa em estabelecimento comercial, com muitas dificuldades, especialmente pela ausência de direitos trabalhistas que foram feitos após a Revolução de 30 por Getúlio. Na época da fundação do PTB tinha 29 anos, já era separada e diz que

antes era tolhida pelo marido. Com a separação, se libertou e pode se expandir, pois sempre gostou de lidar com o público e na sua "*tribuna*" pode mostrar o que era. Também contou vários episódios de sua atuação partidária em campanhas eleitorais no Rio de Janeiro onde morou de 1949 a 1951, casada com um militar da marinha de guerra, também getulista. Passou por dificuldades financeiras no Rio devido à doença do marido e conseguiu ser nomeada para trabalhar na Central do Brasil. No arquivo pessoal de Vecchio aparecem duas cartas com referência a esta situação difícil de Adélia, uma onde Vecchio solicitava um emprego para ela, pois, como operária e militante que era não tinha mais conseguido trabalho no Rio Grande do Sul, e outra, agradecendo um auxílio remetido para Adélia.

O interesse pela atividade política aparece como uma constante em sua vida, pois, mesmo depois de afastada do trabalho partidário, continuou acompanhando os noticiários e procurando um espaço para opinar através de cartas e telegramas que remetia a autoridades.

Adélia se apresentou como uma mulher política, que gostava, entendia e fazia política cotidianamente como participante do processo político nacional. Esta caracterização transparece já no início do seu depoimento quando contou a fundação do PTB no Rio Grande do Sul através do seu envolvimento. A sua narrativa da fundação do partido no Estado é uma outra versão da história conhecida, diferindo inicialmente em vários pontos como a data e o local, os membros componentes, o processo de organização.

Tratava-se de um grupo de pessoas getulistas mas sem ligações institucionais, com preocupações difusas de defesa dos trabalhadores, que iniciaram uma atividade de organização partidária, num momento de intensa movimentação queremista, com comícios e manifestações em todo o Estado. A data da reunião de fundação foi dia 10 de agosto de 1945, conforme

consta do registro no Diário Oficial de 22 de agosto, em um local modesto, uma casa particular, a residência de Adélia, onde compareceram seus companheiros de ideais, homens, e duas mulheres, uma operária, sua amiga, e outra, sua vizinha e comadre.

A relação de fundadores que consta dos documentos apresentados se compõe de um advogado, um bancário, uma comerciária e um gerente, o patrão de Adélia por ela incluído sem estar presente. Embora modesto e sem experiência, o grupo teve cuidado com o atendimento das exigências legais e com iniciativas de arregimentação popular, através da coleta de assinaturas necessárias ao registro do partido em locais de trabalho e da conclamação a "todos os trabalhadores sem distinções de sexo, classe ou origem" feita através dos meios de comunicação.

A expansão do partido a partir deste grupo já estava em andamento através de adesões em resposta ao chamamento feito quando entraram em cena os sindicalistas liderados por José Vecchio e que, apesar de uma certa oposição manifestada por Adélia, passaram a conduzir o processo, respaldados pelo aval de Vargas.

Mesmo com a presença destes novos integrantes, Adélia continuou destacando sua participação no partido, responsabilizando-se por importantes adesões, através do trabalho de divulgação que desenvolvia na sua "*tribuna*" política: seu local de trabalho. Sua atuação política se efetivava, concretamente, fora do espaço partidário, no seu cotidiano, através de brincadeiras, comentários, conversas, sem um cunho oficial.

Entretanto, dentro da estrutura partidária, única mulher entre vários homens, tinha um trabalho específico que lhe foi atribuído pela direção: ajudar na área das finanças e, principalmente, arregimentar e organizar as mulheres em um

setor do partido. Adélia não se deteve na descrição deste trabalho interno, de caráter oficial, a não ser para ressaltar sua capacidade de mobilizar as pessoas, incluindo aí as mulheres.

Apresentou o trabalho político que realizava como algo maravilhoso, destacando a presença da emoção. Sua relação com o partido, com as lideranças conhecidas, incluindo Getúlio Vargas, é uma relação marcada pela afetividade, pelos sentimentos. Era estimada porque tratava todos bem, emocionava as platéias com seus discursos e emocionava-se com a reação popular nas campanhas, considerava o PTB como um filho e Getúlio como um pai.

É justamente no campo pessoal que Adélia sofreu pressões, atingida por críticas sobre sua situação familiar de mulher só com filho. Talvez por isso mesmo tenha expressado uma visão de defesa da moralidade quanto a presença das mulheres na política, pois, não bastava participarem, era necessário terem "*responsabilidade e um comportamento muito bonito*". Acreditava que o respeito conquistado dentro do partido a tornara diferente das outras mulheres - "para nós ela é homem", bem como seus méritos de oradora e arregimentadora, aliados a uma maior informação política, a distinguiam de suas companheiras, das quais se definiu como o oposto, pois sabia falar, fazia discursos de improviso e gostava de política, por isso a praticava cotidianamente, doutrinando as pessoas que chegavam a ela, não só com as idéias trabalhistas, mas através de lições de otimismo, de simpatia. Desta maneira, tinha muita força para atrair votos e simpatizantes para o partido e era aproveitada nestas tarefas.

Mesmo referindo-se a admiração que seu trabalho despertava, aproximando-a dos políticos, colocou-se sempre como um soldado raso - não queria cargos, interessada em trabalhar em benefício do povo, colocando como sua motivação maior o amor pela pátria e o idealismo, além da admiração a

Getúlio Vargas. Entretanto, há uma contradição entre esta postura que Adélia expressou em seu discurso explícito e a mágoa demonstrada em seu discurso submerso por não ter sido nomeada para alguma função pública como reconhecimento de suas qualidades, o que acabou conseguindo, tanto em Porto Alegre como no Rio de Janeiro, graças ao seu trânsito junto a lideranças políticas.

Além da valorização que Adélia fez de seu trabalho de oradora, cabo eleitoral ou divulgadora como político, ressaltando o seu papel nos diversos episódios que relatou, destaca-se a sua definição enquanto fundadora do PTB, mulher pioneira, como dado importante para se apresentar e desenvolver seu prestígio junto aos políticos e ao público com o qual convivia.

### **Versões de Gênero ?**

O processo de constituição de um partido político não se dá de forma abrupta, repentina, mas se insere em um contexto histórico do qual participam grupos com diversos tipos de articulação que, gradativamente, se integram a um mesmo projeto e a uma mesma idéia de construção partidária. São interesses políticos determinados pela conjuntura que levam a unidade destes grupos.

As histórias que José Vecchio e Adélia Eliza Machado relataram sobre o surgimento e o crescimento do Partido Trabalhista Brasileiro no Rio Grande do Sul mostram este processo a partir de suas referências pessoais definidas pelas suas experiências enquanto militantes atuando de maneira diferenciada no mesmo contexto histórico, mas que apresentam uma característica comum - a auto-caracterização como fundadores do PTB riograndense. Esta qualificação é um atributo muito valorizado, pois confere respeitabilidade e consideração aos seus

portadores. Ser fundador significa ser pioneiro, atuando junto com outros na defesa de ideais que representam uma nova proposta política que, se confirmada, adquire importância. José Vecchio e Adélia Eliza Machado se identificam como os primeiros militantes no Rio Grande do Sul de uma organização partidária que teve um significativo papel na história política brasileira.

Estes diferentes depoimentos se referem a etapas da formação do PTB, muito próximas cronologicamente, e mostram que cada um dos depoentes fez uma leitura do passado a partir da sua inserção enquanto indivíduo e enquanto membro de um grupo social na realidade da época.

Ortiz<sup>4</sup>, estudando memória cultural no Brasil, exatamente nos anos 40 e 50, comenta que trabalhar com testemunhos não deixa de ser problemático, em parte pela nostalgia de um passado visto como um tempo áureo, e pela forte presença do ego a valorizar suas ações como pioneiras:

*"Tudo se passa como se os atores sociais procurassem fundar a origem de certas técnicas ou experiências na vivência exclusiva de sua existência. Do ponto de vista histórico isto não deixa de trazer problemas, pois indivíduos diferentes reivindicam a paternidade das mesmas coisas; caberia ao historiador, com dados paralelos, resolver as contradições encontradas nos depoimentos considerados. Porém, é necessário dizer que não é tanto a veracidade dos fatos que nos interessa de imediato. A utilização dos relatos de vida é significativa na medida em que eles adensam a*

---

<sup>4</sup> ORTIZ, R.: *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, 1988, p.78-9.

*compreensão do período, revelando-nos uma atmosfera que dificilmente poderia ser captada a partir de uma macroperspectiva da sociedade. (...) Nesse sentido os testemunhos não nos servirão tanto para atestarmos o que realmente ocorreu, mas como descrições que retratam um ambiente que encerra nele mesmo elementos reveladores da sociedade global."*

Não se trata, portanto, de identificar qual a versão "verdadeira" da fundação do partido, pois interessa compreender esta construção diferenciada a partir da vivência deste momento político pelos atores nele envolvidos. No caso aqui examinado, os dois entrevistados apresentaram documentação comprovada de suas VERSÕES, que, por fim, não se excluem mas se completam. A própria ênfase de cada um na "sua" data como o momento fundador é um aspecto formal, pois um acontecimento como este é resultante de um longo processo de gestação onde idéias e relações sócio-políticas se articularam e não pode ser considerado como obra de inspiração individual.

Cabe, entretanto, questionar porque a permanência de uma destas versões que se tornou reconhecida oficialmente, enquanto a outra, embora igualmente documentada, é ignorada. Como comprova o Diário Oficial, conforme o relato de Adélia, seu grupo antecipou-se aos sindicalistas da Ala Trabalhista do PSD e iniciou a organização regional do PTB, de forma espontânea, mas atendendo aos requisitos legais, em agosto de 1945. Entretanto, foi incorporado pelo outro grupo, perdendo a liderança da condução do processo.

Tratava-se de uma disputa pelo espaço político em função da importância e da inserção social de cada grupo. Adélia disse que eram considerados "*gentalha, qualquer um*", ou seja, sem expressividade, pois, embora sendo um grupo popular, não



tinham "*força*", conforme Vecchio. Com o trabalho já iniciado, não são reconhecidos, justamente porque lhes faltava expressão política, que, neste momento, não vem da organização da massa popular.

Independentemente do discurso que cada um faça do porque foram ou não predominantes, é preciso considerar as correlações das forças políticas, sociais e ideológicas que fizeram com que um destes grupos se constituísse na liderança mais expressiva. A reorganização partidária de 1945 é conduzida pelo aparelho estatal e apesar da iniciativa própria no caso do PTB riograndense a sua efetivação só se dá após o aval do governo central que favorece o grupo mais significativo conforme os seus critérios, ou seja, aquele que teria experiência política e que congregasse elementos ligados à estrutura sindical valorizados pela política desenvolvida através do Ministério do Trabalho varguista.

Isto não significa que o PTB no Rio Grande do Sul não tenha seguido caminhos próprios: a própria versão de Adélia ajuda a confirmar a origem popular e independente do PTB gaúcho,<sup>5</sup> mas o seu reconhecimento de fato vincula-se ao grupo dos sindicalistas, o que atendia ao projeto político estatal do trabalhismo que se beneficiou da experiência de luta dos próprios trabalhadores. O Estado varguista reelaborou o discurso operário da Primeira República, integrando-o na nova situação vigente e permitindo um pacto político com a classe trabalhadora. Neste momento, a identidade social e política do homem brasileiro era dada pela posição de trabalhador,<sup>6</sup> que só assim se constituía em cidadão.

---

<sup>5</sup> BODEA, M.: op.cit. 1984.

<sup>6</sup> GOMES, A: *A invenção do Trabalhismo*. Vértice/IUPERJ, Rio de Janeiro, 1988, p.26.

Apesar do grupo de Adélia também se compor de trabalhadores, foram os sindicalistas, trabalhadores organizados, que conseguiram assumir neste momento a direção do movimento trabalhista no Estado, representados pelo seu principal expoente, José Vecchio. A unidade que se formou para a organização do partido proveio de uma necessidade política sentida por diversos setores da sociedade no sentido de preencher um espaço vazio junto à classe trabalhadora. As respostas imediatas à convocação para participar do novo partido provenientes de várias cidades mostraram a receptividade da população na época.

As justificativas dos dois militantes para a fundação do PTB tem duas referências comuns: a influência determinante da figura de Vargas e a imagem de ameaça do Partido Comunista. Tanto Vecchio como Adélia expressaram, com muita ênfase a idéia de criar uma alternativa à possibilidade de crescimento do PC no Brasil. Frente aos partidos da elite, o PC era a única opção que se oferecia aos trabalhadores brasileiros, mas a sua linha política não consegue empolgar apesar de conseguir um certo desenvolvimento que é visto como ameaçador. O PTB surgiu, unindo sindicalistas, intelectuais, políticos e trabalhadores, com a proposta de construção de um novo partido, se constituindo assim na alternativa contrária à alternativa comunista.

Associadamente a estes fatores conjunturais, é preciso considerar a situação social onde cada um dos entrevistados estava inserido a partir de suas posições de classe e de gênero, construídas historicamente, e também as relações daí decorrentes para poder determinar melhor como se constituíram os seus espaços de atuação política.

A perspectiva colocada pelo gênero, enquanto categoria analítica,<sup>7</sup> permite uma leitura do processo de construção das diferenças de identidades sociais a partir de relações historicamente dadas. As narrativas de Vecchio e Adélia apresentadas indicaram atributos definidores das práticas políticas de um homem e de uma mulher, militantes partidários, que viveram um importante período da história brasileira, e que, se confrontadas, permitem identificar a construção do gênero através das relações que estabeleceram entre si e com os outros.

Em uma perspectiva comparativa fica claro que os dois militantes partidários tinham pontos de convergência a nível pessoal e de representações políticas mais gerais, entretanto, seus revelaram oposições significativas em suas atitudes.

Vecchio representava o militante sindical, sua referência básica era o sindicalismo, em cujas práticas forjou a sua experiência política, ao lado de seus iguais, companheiros de classe. Ligou-se ao mundo da política partidária por ser um defensor dos trabalhadores, identificado com Vargas, o benfeitor maior, mas se distinguindo dos políticos tradicionais por sua origem. Sua área de atuação era institucional - o sindicato e o partido - dentro das quais manteve uma postura reivindicadora. Assim, afirmou-se como homem público através de suas atividades como dirigente sindical, como líder trabalhista e como deputado estadual, caracterizando-se pela combatividade.

Adélia, autodefinida como "*soldado raso*", preferiu falar do papel que exerceu como fundadora do partido e de sua proximidade com personalidades políticas, o que atestaria a importância de seu trabalho para o PTB, embora a organização das mulheres trabalhistas tenha sido a sua tarefa mais reconhecida dentro do partido. Além das tarefas partidárias de

---

<sup>7</sup> SCOTT, J.: "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", IN *Educação e Realidade* (vol. 15, nº 2, jul/dez). 1990.

que se incumbiu, como os encargos de tesouraria e a Ala Feminina, sua prática política se efetivou principalmente no seu espaço de trabalho, como caixa na Casa do Café, onde seus dotes comunicativos a fizeram conhecida e a aproximação com o meio político foi possível permitindo-lhe o livre exercício da sua "*tribuna política*". Conheceu e conviveu com homens públicos, os mesmos citados por Vecchio, pois eram os mais significativos da época, mas manteve com eles uma outra relação: de conquista pela simpatia, pelos dotes de oratória e de colaboração, que lhe deram o reconhecimento de suas qualidades e que foram a base de seu trabalho político.

A relação que mantinha com o partido e algumas de suas lideranças era de fidelidade, envolvendo afetividade e e que não poderia ser rompida facilmente. As dificuldades que teve no partido não resultaram em conflitos maiores, pois procurou contorná-los, primeiro através de seu trabalho que demonstraria suas qualidades de militante responsável e, a seguir, pelo afastamento formal através da renúncia.

Embora Vecchio se afirmasse em oposição aos políticos, demonstrava reconhecimento às autoridades constituídas e, no exercício de suas funções, conheceu e conviveu com personalidades públicas, com quem negociou, fez articulações, enfrentando-as de igual para igual. Era reconhecido como interlocutor legítimo pela sua liderança sindical e trabalhista, pois recebeu o aval do Catete para a criação regional do PTB, foi chamado a São Borja por Getúlio Vargas, ao lado de quem sentou-se no centro de uma reunião na sede do PTB em Porto Alegre, como mostra uma foto da ocasião.

Nesta mesma foto, se observa a presença de várias mulheres, certamente integrantes da Ala Feminina, cuja presidente, Berenice Lamaison, encontrava-se de pé, na segunda fila, atrás das principais lideranças (masculinas). Adélia também

estava presente, com outras mulheres, sentadas na lateral, próximas à mesa central, representando as militantes partidárias.

O referencial analítico de gênero nos permite ver esta fotografia como uma representação iconográfica do universo de um partido político, predominantemente masculino nesta época, onde nossos personagens se encontram ocupando diferentes posições: Vecchio situava-se como um líder entre líderes, e Adélia, mesmo procurando, em sua fala, distinguir-se de suas companheiras, era, ao lado das outras, uma figura secundária entre os homens.

Certamente Adélia não correspondia ao modelo de mulher calada, inexpressiva, pois, se identificava com o mundo da política, era oradora do partido, reconhecida e admirada. Entretanto, não foi sua a voz que permaneceu. Mesmo sendo excepcional, se constituindo em sujeito da história, sua expressividade se conformava às definições normativas do comportamento feminino: simpática, trabalhadeira, bem humorada, honrada, emotiva. Não era fraca, mas se fragilizava frente à força masculina que protegia ou ofendia, conforme o caso.

É a ação masculina que é realçada historicamente, que é prioritária na supremacia política e conseqüentemente na reminiscência também.<sup>8</sup> A liderança masculina de Vecchio se afirmava com destaque, enquanto a liderança feminina de Adélia não alcançou um reconhecimento público maior. Politicamente a posição de Vecchio era central, a de Adélia era periférica.

A construção diferenciada por gênero destes militantes contém uma dimensão de poder que contribui para a determinação social dos papéis políticos por eles

---

<sup>8</sup> FARGE, A.: "L'histoire ébruitée", IN DUFRANCATEL, C. et alli: *L'histoire sans qualités*. Paris, Galilée, 1979, p.20.

desempenhados. Assim, como consequência, ao lado dos outros fatores sociais e políticos já apontados, foi um militante sindical, que se tornou reconhecido como fundador principal do PTB no Rio Grande do Sul, enquanto sua predecessora, uma militante trabalhista, sequer chegou a ser conhecida, independentemente da importância do trabalho de cada um. Foi o homem, o sindicalista combativo, que se tornou o narrador oficial das origens do trabalhismo gaúcho como testemunha da época. O relato feminino, além de uma outra cronologia, forneceu um outro ponto de vista que permite incluir a mulher como protagonista ativa, mas que, no enfrentamento político, muda de iniciadora à auxiliar, como as mulheres populares rebeldes dos motins do início do século XIX, na França.<sup>9</sup>

O confronto de suas narrativas, partindo do gênero como referencial de análise, mostra paralelismos e diferenças entre os papéis masculino e feminino, não como oposições dicotômicas, mas incluindo "*a dissimetria dos diferentes e sua articulação em termos de poder*".<sup>10</sup> São modelos diferenciados de militantes partidários, não por sua origem de classe que é a mesma, nem por seus princípios doutrinários que são os do trabalhismo, mas pela distinção por gênero que transparece nos discursos e práticas de cada um.

Ambos entrevistados tinham origens populares e destacaram a importância de sua atuação política, mas se distinguiam pela expressão alcançada. Na formação do Partido Trabalhista Brasileiro no Rio Grande do Sul, Vecchio se constituiu como ator-chave que assumiu um papel político destacado, atuando em espaços institucionais, enquanto Adélia, embora tendo liderança e atuando nos espaços públicos do

---

<sup>9</sup> PERROT, M.: "La femme populaire rebelle", IN DUFRANCATEL, C. et alii: op.cit. 1979, p.140.

<sup>10</sup> COLIN, F.: "Introduction: Sexes et savoir", IN *Les Cahiers du Grif*, 37/8. 1988, p.6.

partido e do trabalho, permaneceu desconhecida. As suas narrativas, colocadas em uma perspectiva histórica, possibilitam compreender como suas práticas foram definidas socialmente, pois, como "*trajetórias individuais são, de fato, compostas de combinações múltiplas de "determinismos" sociais*",<sup>11</sup> entre os quais, indubitavelmente, as relações de gênero.

A historiadora Joan Scott<sup>12</sup> e a antropóloga Michelle Rosaldo<sup>13</sup> concordam que, no estudo de processos sociais, é preciso "*perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir porque elas se passaram*", pesquisando "*uma explicação significativa*". Para elas, "*o lugar da mulher na vida social humana não é diretamente o produto do que ela faz, mas do sentido que adquirem estas atividades através da interação social concreta*". A busca deste sentido passa pela análise das relações que homens e mulheres forjam em contextos sociais que eles criam e nos quais são definidos.

As proposições destas autoras colocam que gênero deve ser entendido em termos sociais e políticos, referindo-se a formas locais e específicas de relações sociais e, em particular, de desigualdade social. Assim, gênero não é um fato unitário determinado em qualquer lugar pela mesma sorte de fatores, mas produto complexo de uma variedade de forças sociais.

São estes pressupostos que nos levaram a considerar o gênero como uma das dimensões a explorar, ao pretender analisar, o significado das diferentes versões de um dado acontecimento - a fundação do PTB. As "histórias" da fundação

---

<sup>11</sup> CAMARGO, A.: "Os usos da História Oral e da História de vida: trabalhando com elites políticas", *IN Dados*. Rio de Janeiro, 27(1): 16, 1984.

<sup>12</sup> SCOTT, op.cit., p.14.

<sup>13</sup> ROSALDO, M.: "The use and abuse of Anthropology: reflections on feminism and cross-cultural understanding", *IN Signs* (v.5, n<sup>o</sup> 3). 1980, p. 400.

do PTB permitem visualizar estas múltiplas relações que interagem em um processo político, sendo que a perspectiva de gênero fornece novos e enriquecedores elementos para o seu entendimento. Por isso, fundação do PTB, versões de gênero?. Também, mas não só. No caso em questão, o estudo das relações de gênero em uma instituição política não pode ser isolado de referências sócio-históricas, onde são construídas as representações de masculino e feminino.

---

**A MEMÓRIA POLÍTICA:  
versões de gênero**

**Resumo:**

O tema discutido nesse texto analisa as diferentes versões da fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1945. Baseando-nos em testemunhos de dois de seus mais antigos e ativos membros, um homem e uma mulher, demos especial atenção aos aspectos relativos a gênero, classe e memória política.

**POLICE'S MEMORY:  
gender's versions**

**Abstract**

The issues discussed in this paper analyse the different versions of the fundation of the Brazilian Labor Party (Partido Trabalhista Brasileiro - PTB), in 1945. Relying on the testimonies of two of the party's oldest and most active members, one a man, the other a woman, we give special attention to variables linked to gender, class and political memory.